

Theatro Moderno

LUSO-BRASILEIRO

Collecção de comedias, dramas e
scenas comicas

N. 29

O JUIZ DE PAZ DA ROÇA

Comedia em 1 acto

A VENDA

Na livraria de Cruz Coutinho — editor

75 rua de S. José 75

THEATRO MODERNO LUSO-BRASILEIRO

COLLECÇÃO DE COMEDIAS, DRAMAS E SCENAS COMICAS

N.^{os}

- 1 Como os anjos se vingão, d. 1 a., de C. Castello-Branco.
- 2 Embrulhadas de amor, c. em 1 acto, de Rubem Tavares.
- 3 O Doutor Gramma, comedia em 2 actos.
- 4 O diabo a quatro n'uma hospedaria, comedia em 1 acto.
- 5 Cegueira, ou hebedeira? scena dramatica.
- 6 Um marido que é victima das modas, comedia em 1 acto.
- 7 Ah! como eu sou besta! scena comica, de F. C. Vasques.
- 8 Um par de mortes, ou a vida de um par, Calembourg.
- 9 O diabo no Rio de Janeiro, scena c., de F. C. Vasques.
- 10 O Sr. Domingos fóra do sério, scena c., de F. C. Vasques.
- 11 Meia hora de cynismo, c. em 1 acto, de França Junior.
- 12 As duas bengalas, comedia em 1 acto.
- 13 Dous genios iguaes não fazem liga, comedia em 1 acto.
- 14 A afilhada do barão, comedia em 2 a., de Mendes Leal.
- 15 O menino Monclar, scena comica, de F. C. Vasques.
- 16 O diabo atraz da porta, comedia em 1 acto.
- 17 Os ratões da época, comedia em 1 acto.
- 18 A espadellada, comedia em 1 acto, de Costa Lima.
- 19 As pitadas do velho Cosme, scena c., de F. C. Vasques.
- 20 Os namorados da Julia, scena comica, de F. C. Vasques.
- 21 Uma criada impagavel, comedia em 1 acto.
- 22 Os dous, ou o Inglez machinista, c. em 1 acto, de Penna.
- 23 Um quarto com duas camas, c. em 1 acto, de A. S. Bastos.
- 24 Quasi que se pegão, comedia em 1 acto.
- 25 Amor e honra, drama original em 2 actos.
- 28 O judas em sabbado de alleluia, c. em 1 acto, de Penna.
- 29 O juiz de paz da roça, comedia em 1 acto, de Penna.
- 30 Rocamble no Rio de Janeiro, scena c., de F. C. Vasques.
- 32 O viveiro de frei Anselmo, comedia em 1 acto.
- 33 Effeitos do vinho novo, scena comica.
- 34 Como se perde um noivo, comedia em 1 acto.
- 35 Um devoto de baccho, scena comica, de F. X. de Novaes.
- 36 Casar ou metter freira, comedia em 1 acto.

O JUIZ DE PAZ DA ROÇA

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

L. C. M. Penna



RIO DE JANEIRO

Na livraria de Cruz Coutinho — editor

75 rua de S. José 75

1871

PERSONAGENS

JUIZ DE PAZ.

ESCRIVÃO DO JUIZ.

MANOEL JOÃO, lavrador.

MARIA ROSA, sua mulher.

ANNINHA, sua filha.

JOSÉ, amante de Anninha.

IGNACIO JOSÉ,

JOÃO DA SILVA,

FRANCISCO ANTONIO,

MANOEL ANDRÉ,

SAMPAIO,

THOMAZ,

JOSEFA,

GREGORIO,

} lavradores.

A scena passa-se na roça

O JUIZ DE PAZ DA ROÇA

Comédia em 1 acto



Sala com uma porta no fundo: no meio uma mesa, junto á qual estarão cosendo Maria Rosa, e Anninha.

SCENA I

MARIA ROSA e ANNINHA

MARIA ROSA. Teu pae hoje tarda muito.

ANNINHA. Elle disse que tinha hoje muito que fazer.

MARIA ROSA. Pobre homem!... mata-se com tanto trabalho. E' quasi meio dia e ainda não voltou. Desde as quatro horas da manhã, que sahio, está só com uma chicara de café.

ANNINHA. Meu pae quando principia um trabalho não gosta de o largar; e minha mãe bem sabe que elle tem só a José.

MARIA ROSA. E' verdade. Os meias-caras agora estão tão caros! Quando havia vallongo eram mais baratos.

ANNINHA. Meu pae disse que quando desman-

char o mandiocal grande hade comprar uma negrinha para mim.

MARIA ROSA. Tambem já me disse.

ANNINHA. Minha mãe já preparou a jacuba para meu pae?

MARIA ROSA. E' verdade!... de que me ia esquecendo! Vae ahi fóra, e traz dois limões. (*Anninha sae*) Se o Manoel João viesse, e não achasse a jacuba prompta, tinhamos campanha velha. Do que me tinha esquecido! (*Entra Anninha*)

ANNINHA. Aqui estão os limões.

MARIA ROSA. Fica tomando conta aqui enquanto eu vou lá dentro. (*Sae*)

ANNINHA. (*Só*) Minha mãe já se ia demorando muito. Pensava que já não podia fallar co'o Sr. José, que está esperando-me debaixo dos cafezeiros. Mas como minha mãe está lá dentro, e meu pae não entra n'esta meia hora, posso fazel-o entrar aqui. (*Chega á porta e acena com o lenço*) Elle ahi vem.

SCENA II

ANNINHA e JOSÉ

José vem com calça e jaqueta branca

JOSÉ. Adeos, minha Anninha! (*Quer abraçal-a*)

ANNINHA. Fique quieto... Não gósto d'estes

brinquedos. Eu quero casar-me com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente quando vae á côrte, vem perdida. Ora diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pae lhe deixou?

JOSÉ. Conclui.

ANNINHA. Se o senhor agora tem dinheiro, porque não me pede a meu pae?

JOSÉ. Dinheiro? nem vintem.

ANNINHA. Nem vintem! então o que fez do dinheiro? E' assim que me ama? *(Chora)*

JOSÉ. Minha Anninha, não chores. Oh! se tu soubesses como é bonita a côrte... Tenho um projecto que te quero dizer.

ANNINHA. Qual é?

JOSÉ. Você sabe que eu agora estou pobre como Job; e então... tenho pensado em uma cousa. Nós nos casaremos na freguezia, sem que teu paé o saiba; depois partiremos para a côrte, e lá viveremos.

ANNINHA. Mas como! sem dinheiro?

JOSÉ. Não te dê isso cuidado; assentarei praça nos permanentes.

ANNINHA. E minha mãe?

JOSÉ. Que fique raspando mandioca, que é officio leve. Vamos para a côrte que você verá o que é bom.

ANNINHA. Mas então o que é que ha lá tão bonito?

JOSÉ. Eu te digo: ha tres theatros, e um d'elles maior que o engenho do capitão-mór.

o se Pedro do Ju Dinhalo

ANNINHA. Oh! como é grande!

JOSÉ. Representa-se lá todas as noites. Pois uma magica, oh! isto é cousa grande!

ANNINHA. O que é magica?

JOSÉ. Magica é uma peça de muito machinismo.

ANNINHA. Machinismo?

JOSÉ. Sim, machinismo. Eu te explico. Uma arvore se vira em uma barraca; páos viram-se em cobras, e um homem vira-se em macaco.

ANNINHA. Em macaco! coitado do homem!

JOSÉ. Mas não é de verdade.

ANNINHA. Ah! como deve ser bonito; e tem rabo?

JOSÉ. Tem rabo, tem.

ANNINHA. Oh! homem!

JOSÉ. Pois o curro dos cavallinhos! isto é que é cousa grande. Ha uns cavallos tão bem ensinados que dansam, fazem medidas, saltam, fallam, etc.; porém o que mais me espantou foi ver um homem andar em pé em cima do cavallo.

ANNINHA. Em pé? e não cae?

JOSÉ. Não. Outros fingem-se bebados, jogam os soccos, fazem exercicios, e tudo sem cahirem. E ha um macaco chamado o macaco maior, que é cousa de espantar.

ANNINHA. Ha muitos macacos lá?

JOSÉ. Ha, e macacas tambem.

ANNINHA. Que vontade tenho eu de ver todas estas cousas.

José. Além d'isto ha outros muitos divertimentos. Na rua do Ouvidor ha um cosmorama, na rua de S. Francisco de Paula outro, e no largo uma casa aonde se vêem muitos bichos cheios, cabritos com duas cabeças, porcos com cinco pernas, etc.

ANNINHA. Quando é que você pretende casar-se comigo?

José. O vigario está prompto a qualquer hora.

ANNINHA. Então amanhã de manhã.

José. Pois sim. *(Cantam dentro)*

ANNINHA. Ahi vem meu pae. Vae-te embora antes que elle te veja.

José. Adeos, até amanhã de manhã.

ANNINHA. Olhe lá, não falte. *(Sae José)* Como é bonita a côrte! Lá é que a gente se póde divertir, e não aqui aonde não se ouve senão os sapos e as entanhas cantarem. Theatros, magicas, cavallos que dansam, cabeças com dois cabritos, macaco major, quanta cousa! Quero ir para a côrte.

SCENA III

MANOEL JOÃO e ANNINHA

Manoel João traz uma enxada no hombro, e vem vestido de calça de ganga azul, com uma das pernas arregaçadas, japona de baeta azul, e descalço. Acompanha-o um negro com um cesto na cabeça, e uma enxada no hombro, vestido de camisa e calça de algodão.

ANNINHA. Abença, meu pae.

Que Pedro de S. Brumado

MANOEL JOÃO. Adeos, rapariga. Aonde está tua mãe?

ANNINHA. Está lá dentro preparando a jacuba.

MANOEL JOÃO. Vae dizer-lhe que traga, pois estou com muito calor. (*Anninha sae*)

MANOEL JOÃO. (*Para o negro*) Olá, Agostinho, leva estas enxadas lá para dentro, e vae botar este café no sol. (*Senta-se. O preto sae*) Estou que não posso comigo; tenho trabalhado como um burro.

SCENA IV

MANOEL JOÃO, MARIA ROSA E ANNINHA

Maria Rosa traz uma tigela na mão.

MANOEL JOÃO. Adeos, Sra. Maria Rosa.

MARIA ROSA. Adeos meu amigo. Estás muito cansado?

MANOEL JOÃO. Muito. Dá-me cá isso.

MARIA ROSA. Pensando que você viria muito cansado, fiz a tigela cheia.

MANOEL JOÃO. Obrigado. (*Bebendo*) Hoje trabalhei como gente... limpei o mandiocal que estava muito sujo... fiz uma derrubada do lado de Francisco Antonio... limpei a valla de Maria do Rosario, que estava muito suja e encharcada, e logo pretendo colher café. Anninha.

ANNINHA. Meu pae.

MANOEL JOÃO. Quando acabares de jantar pe-

ga em um samborá, e vae colhêr o café que está á roda da casa.

ANNINHA. Sim, senhor.

MANOEL JOÃO. Senhora, a janta está prompta?

MARIA ROSA. Ha muito tempo!

MANOEL JOÃO. Pois traga.

MARIA ROSA. Anninha, vae buscar a janta de teu pae. *(Anninha sae)*

MANOEL JOÃO. Senhora, sabe que mais, é preciso casarmos esta rapariga.

MARIA ROSA. Eu já tenho pensado n'isto; mas nós somos pobres, e quem é pobre não casa.

MANOEL JOÃO. Sim, senhora, mas uma pessoa já me deu a entender que logo que puder abocar tres ou quatro meias-caras d'estes que se dão, me havia de fallar n'isso. Com mais vagar trataremos d'este negocio. *(Entra Anninha com dois pratos e os deixa em cima da mesa)*

ANNINHA. Minha mãe, a carne secca acabou-se.

MANOEL JOÃO. Já!

MARIA ROSA. A ultima vez veio só meia ar-roba.

MANOEL JOÃO. Carne boa não faz conta, vôa. Assentem-se e jantem. *(Assentam-se todos, e comem com as mãos. O jantar consta de carne secca, feijão e laranjas)* Não ha carne secca para o negro?

ANNINHA. Não senhor.

MANOEL JOÃO. Pois coma laranjas com farinha, que não é melhor do que eu. Esta carne está dura como um couro... irra!... Um dia

Que Se Deu Na Falla Anninha

d'estes eu... Diabo de carne!... hei de fazer uma plantação... Lá se vão os dentes!... deviam ter botado esta carne de molho no correço... Que diabo de laranjas tão azedas. (*Batem á porta*) Quem é? (*Esconde os pratos na gaveta e lambe os dedos*)

ESCRIVÃO. (*Dentro*) Dá licença, Sr. Manoel João?

MANOEL JOÃO. Entre quem é.

SCENA V

OS MESMOS e o ESCRIVÃO

ESCRIVÃO. (*Entrando*) Ora Deos esteja n'esta casa.

MARIA ROSA e MANOEL JOÃO. Amen.

ESCRIVÃO. Um criado da Sra. Dona e da Sra. Doninha.

MARIA ROSA e ANNINHA. Uma sua criada.

MANOEL JOÃO. O senhor por aqui a estas horas é novidade.

ESCRIVÃO. Venho da parte do Sr. juiz de paz intimal-o para levar um recruta á cidade.

MANOEL JOÃO. Oh homem, não ha mais ninguem que sirva para isto?

ESCRIVÃO. Todos se recusam do mesmo modo, e o serviço no emtanto ha de se fazer.

MANOEL JOÃO. Sim, os pobres é que o pagam.

ESCRIVÃO. Meu amigo, isto é falta de patriotismo. Vós bem sabeis que é preciso mandar

gente para o Rio-Grande, quando não perdemos esta provincia.

MANOEL JOÃO. E que me importa eu com isso? Quem as armou que as desarme.

ESCRIVÃO. Mas, meu amigo, os rebeldes tem feito por lá horrores.

MANOEL JOÃO. E que quer o senhor que se lhe faça! Ora é boa!

ESCRIVÃO. Não diga isso, Sr. Manoel João, a rebelião...

MANOEL JOÃO. (*Gritando*) E que me importa eu com isso?... e o senhor a dar-lhe...

ESCRIVÃO. (*Zangado*) O Sr. juiz manda dizer-lhe que se não fôr, irá preso.

MANOEL JOÃO. Pois diga com todos os diabos ao Sr. juiz que lá irei.

ESCRIVÃO. (*A'parte*) Em boa hora o diga!... Apre! custou-me achar um guarda... A's vossas ordens.

MANOEL JOÃO. Um seu criado.

ESCRIVÃO. Sentido nos seus cães.

MANOEL JOÃO. Não mordem.

ESCRIVÃO. Sra. Dona, passe muito bem. (*Sae*)

MANOEL JOÃO. Mulher, arranja esta sala enquanto me vou fardar. (*Sae*)

MARIA ROSA. Pobre homem! ir á cidade sómente para levar um preso! perder assim um dia de trabalho!...

ANNINHA. Minha mãe... p'ra que é que mandam gente presa para a cidade?

MARIA ROSA. P'ra irem á guerra.

João Pedro Saldanha

ANNINHA. Coitados!

MARIA ROSA. Não se dá maior injustiça! Manoel João está todos os dias vestindo a farda; ora p'ra levar presos, ora p'ra dar nos quilombos... é um nunca acabar!

ANNINHA. Mas meu pae p'ra que vae?

MARIA ROSA. Porque o juiz de paz o obriga.

ANNINHA. Ora, elle podia ficar em casa; e se o juiz de paz cá viesse buscal-o, não tinha mais que iscar a Giboia e a Boca-negra.

MARIA ROSA. E's uma tolinha! e a cadêa ao depois?

ANNINHA. Ah! eu não sabia.

SCENA VI

MARIA ROSA, ANNINHA e MANOEL JOÃO

Manoel João entra com a mesma calça, e com jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com bayoneta e um grande páo na mão.

MANOEL JOÃO. Estou fardado. Adeos, senhora, até amanhã. *(Dá-lhe um abraço)*

ANNINHA. Abença, meu pae.

MANOEL JOÃO. Adeos, menina.

ANNINHA. Como meu pae vae á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometteu.

MANOEL JOÃO. Pois sim.

MARIA ROSA. De caminho compre carne.

MANOEL JOÃO. Sim. Adeos minha gente, adeos.

MARIA ROSA E ANNINHA. Adeos!... (*Acompañam-o até d porta*)

MANOEL JOÃO. (*A' porta*) Não se esqueça de mexer a farinha e dar que comer às gallinhas.

MARIA ROSA. Não. Adeos. (*Sae Manoel João*) Menina, ajuda-me a levar estes pratos p'ra dentro. São horas de tu ires colhêr o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

ANNINHA. Vamos, minha mãe... (*Andando*) Tomára que meu pae não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem*)

SCENA VII

Sala em casa do juiz de paz: mesa no meio com papeis: cadeiras. Entra o juiz de paz vestido de calça branca, rodague de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ. Vamo-nos preparando para dar audiencia. (*Arranja os papeis*) O escrivão já tarda: sem duvida está na venda do Manoel do Coqueiro... O ultimo recruta que se fez já vae-me fazendo peso. Nada, não gósto de presos em casa; podem fugir, e depois dizem que o juiz recebeu algum presente. (*Batem d porta*) Quem é? póde entrar. (*Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta que entrega ao juiz. Este abre-a e lê*) — «Illm. Sr. Muito me alegre de dizer a V. S. que a minha ao fazer d'esta é boa, e que a mesma desejo para V. S. pelos circumloquios com que lhe venero. (*Deixando de ler*) Circumloquios... que nome em breve!

O que quererá elle dizer? Continuemos. (*Lendo*) Tomo a liberdade de mandar a V. S. um cacho de bananas maçãs para V. S. comer com a sua bocca, e dar tambem a comer á Sra. juiza e aos Srs. juizinhos. V. S. ha de reparar na insignificancia do presente; porém, Illm. Sr., as refórmas da constituição permittem a cada um fazer o que quizer; e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas refórmas, V. S. fará o favor de acceitar as ditas bananas, que diz minha Theresa Ova serem muito boas. No mais receba as ordens de quem é seu venerador, e tem a honra de ser — Manoel André de Sapi-ruruca. » — Bom, tenho bananas para a sobre-mesa. O' pae, leva estas bananas para dentro, e entrega á senhora. Toma lá um vintem para teu tabaco. (*Sae o negro*) O certo é, que é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galliñas, bananas, ovos, etc., etc. (*Batem á porta*) Quem é?

ESCRIVÃO. (*Dentro*) Sou eu.

JUIZ. Ah! é o escrivão: póde entrar.

SCENA VIII

JUIZ e o ESCRIVÃO

ESCRIVÃO. Já intimei Manoel João para levar o preso á cidade.

JUIZ. Bom. Agora vamos nós preparar a audiência. (*Assentam-se ambos á mesa e o juiz*

toca a campainha) Os senhores que estão lá fóra podem entrar.

SCENA IX

JUIZ, ESCRIVÃO e LAVRADORES

Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas, de gan-ga, de tamancos, e descalços; outros calçam as meias e os sapatos quando entram, etc. Thomaz traz um leitão debaixo do braço.

JUIZ. Está aberta a audiência. Os seus re-querimentos?

Ignacio José, Francisco Antonio, Manoel André, e Sampaio entregam os seus requerimentos.

JUIZ. Sr. escrivão faça o favor de ler.

ESCRIVÃO. (*Lendo*) « Diz Ignacio José, natu-ral d'esta freguezia, e casado com Josefa Joa-quina, sua mulher, na face da igreja, que pre-cisa que V. S. mande a Gregorio degradado para fóra da terra, pois teve o atrevimento de dar uma embigada em sua mulher, na encru-zilhada do Páo-Grande, que quasi a fez abor-tar, da qual embigada fez cahir a dita sua mulher de pernas para o ar. Portanto pede a V. S. mande o dito Gregorio degradado para An-gola. — E. R. M. »

JUIZ. E' verdade, Sr. Gregorio, que o senhor deu uma embigada na senhora?

JUIZ DE PAZ

2

GREGORIO. E' mentira, Sr. juiz de paz; eu não dou embigadas em bruxas.

JOSEFA. Bruxa é a marrafona de tua mulher, mal creado! Já não se lembra que me deu uma embigada, e que me deixou uma marca roxa na barriga? Se o senhor quer ver, posso mostrar.

JUIZ. Nada, nada, não é preciso; eu o creio.

JOSEFA. Sr. juiz, não é a primeira embigada que este homem me dá, eu é que não tenho querido contar a meu marido.

JUIZ. Está bom, senhora, soeegue. Sr. Ignacio José deixê-se d'estas asneiras; dar embigadas não é crime classificado no código. Sr. Gregorio faça o favor de não dar mais embigadas na senhora, quando não, arrumo-lhe com a lei ás costas, e metto-o na cadêa. Queiram-se retirar.

IGNACIO JOSÉ. (*Para Gregorio*) Lá fóra me pagarás.

JUIZ. Estão conciliados! (*Ignacio José, Gregorio, e Josefa, saem*) Sr. escrivão leia outro requerimento.

ESCRIVÃO. (*Lendo*) « O abaixo-assignado vem dar os parabens a V. S. por ter entrado com saude no novo anno financeiro. Eu, Illm. Sr. juiz de paz, sou senhor de um sitio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. S. o favor de acceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje á tarde; mas, como ia dizendo, o dito sitio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costurãs.

e outras cousas mais ; e, vae senão quando, um meu visinho, homem da raça de Judas, diz que metade do sitio é d'elle. E então que lhe parece, Sr. juiz, não é desaforo ! mas, como ia dizendo, peço a V. S. para vir assistir á marcação do sitio. Manoel André. — E. R. M. »

JUIZ. Não posso deferir por estar muito atrapalhado com um roçado ; portanto requeira ao supplente que é o meu compadre Pantaleão.

MANOEL ANDRÉ. Mas, Sr. juiz, elle tambem está occupado com uma plantação.

JUIZ. Você replica ? Olhe que o mando para a cãdea.

MANOEL ANDRÉ. V. S. não póde prender-me á tôa ; a constituição não manda.

JUIZ. A constituição ! está bem ! Eu, o juiz de paz, hei por bem derogar a constituição !... Sr. escrivão, tome termo que a constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANOEL ANDRÉ. Isto é uma injustiça.

JUIZ. Ainda falla?... Suspendo-lhe as garantias...

MANOEL ANDRÉ. E' desaforo...

JUIZ. *(Levantando-se)* Brejeiro... *(Manoel André corre, e o juiz vae atraz)* Pega... pega... Lá se foi, que o leve o diabo. *(Assenta-se)* Vamos ás outras partes.

ESCRIVÃO. *(Lendo)* « Diz João de Sampaio que, sendo elle senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconte-

de Manoel André

ceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Thomaz pela parte de traz, e, com a sem-ceremonia que tem todo o porco, focasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. juiz, que o leitão carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimaria, e que pensa ás vezes como um homem. Para V. S. não pensar que minto, lhe conto uma historia. A minha cadella Troia, aquella mesma que escapou de morder a V. S. n'aquella noite, depois que lhe dei uma tunda nunca mais comeu na cuiá com os pequenós; mas vou a respeito de dizer que o Sr. Thomaz não tem razão em querer ficar com o leitão, só porque comeu tres ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. S. que mande entregar-me o leitão. — E. R. M. »

JUIZ. E' verdade, Sr. Thomaz, o que diz o Sr. Sampaio?

THOMAZ. E' verdade que o leitão era d'elle, porém agora é meu.

SAMPAIO. Mas se era meu, e o senhor nem m'o comprou, nem eu lh'o dei, como póde ser seu?

THOMAZ. E' meu, tenho dito.

SAMPAIO. Pois não é, não senhor. (*Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado*)

JUIZ. (*Levantando-se*) Larguem o pobre animal, não o matem.

THOMAZ. Deixe-me, senhor.

JUIZ. Sr. escrivão, chame o meirinho. (*Os dois apartam-se*) Espere, Sr. escrivão, não é

preciso. (*Assenta-se*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isto que m'o dêem.

THOMAZ. Lembra V. S. bem. Peço licença a V. S. para lhe offerecer.

JUIZ. Muito obrigado. E' o senhor um homem de bem que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO. Vou a respeito de dizer que se V. S. aceita, fico contente.

JUIZ. Muito obrigado, muito obrigado. Faça o favor de deixar vêr. Oh! homem! está gordo! tem toucinho de quatro dedos! Com effeito! Ora, Sr. Thomaz, eu que gósto tanto de porco com ervilhas...

THOMAZ. Se V. S. quer posso lhe mandar algumas.

JUIZ. Faz-me muito favor. Tome o leitão, e bote no chiqueiro quando passar. Sabe aonde é?

THOMAZ. (*Tomando o leitão*) Sim, senhor.

JUIZ. Podem-se retirar, estão conciliados.

SAMPAIO. Tenho ainda um requerimento que fazer.

JUIZ. Então qual é?

SAMPAIO. Desejava que V. S. mandasse citar a assembléa provincial.

JUIZ. Oh! homem! citar a assembléa provincial! e para que?

SAMPAIO. Para mandar fazer cercado de espinhos em todas as hortas.

J. C. Cunha

JUIZ. Isso é impossível! a assembléa provincial não póde occupar-se com estas insignificancias.

THOMAZ. Insignificancia! bem; mas os votos que V. S. pediu-me para aquelles sujeitos não era insignificancia. Então me prometteu mundos e fundos.

JUIZ. Está bom, veremos o que poderei fazer. Queiram retirar-se. Estão conciliados; tenho mais que fazer. *(Saem os dois)* Sr. escrivão faça o favor de... *(Levanta-se apressado, e, chegando á porta, grila para fóra)* O Sr. Thomaz? Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro.

THOMAZ. *(Ao longe)* Sim, senhor.

JUIZ. *(Assentando-se)* Era muito capaz de se esquecer. Vamos, Sr. escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO. *(Lendo)* « Diz Francisco Antonio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo elle casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma egoa. Ora, acontecendo ter a egoa de minha mulher um filho, o meu visinho José da Silva diz que é d'elle, só porque o dito filho da egoa de minha mulher sahiu malhado como o seu cavallo. Ora, como os filhos pertencem ás mães, e a prova d'isto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu; peço a V. S. mande o dito meu visinho entregar-me o filho da egoa que é de minha mulher. »

JUIZ. É verdade que o senhor tem o filho da egoa preso?

JOSÉ DA SILVA. E' verdade ; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavallo.

JUIZ. Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA. Mais, Sr. juiz...

JUIZ. Nem mais, nem meio mais ; entregue o filho, senão, cadêa.

JOSÉ DA SILVA. Eu vou queixar-me ao presidente.

JUIZ. Pois vá, que eu tomarei a appellação.

JOSÉ DA SILVA. E eu embargo.

JUIZ. Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto do processo.

JOSÉ DA SILVA. Eu lhe mostrarei, deixe estar.

JUIZ. Sr. escrivão, não dê amnistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

JOSÉ DA SILVA. *(Com humildade)* V. S. não se arreñegue. Eu entregarei o pequira.

JUIZ. Pois bem, retirem-se ; estão conciliados. *(Saem os dois)* Não ha mais ninguém ? Bom ! Está fechada a sessão. Hoje cansaram-me.

MANOEL JOÃO. *(Dentro)* Dá licença ?

JUIZ. Quem é ? Póde entrar.

SCENA X

JUIZ, ESCRIVÃO e MANOEL JOÃO

MANOEL JOÃO. *(Entrando)* Um criado de V. S.

JUIZ. Oh ! é o senhor ? Queira ter a bondade

Do Camarache

de esperar um pouco enquanto vou buscar o preso. (*Abre uma porta do lado*) Queira sahir para fóra.

SCENA XI

Os MESMOS e JOSÉ

JUIZ. Aqui está o recruta; leve-o para a cidade, deixe-o no quartel do campo de Santa Anna, e vá levar esta parte ao general. (*Dá-lhe um papel*)

MANOEL JOÃO. Sim, senhor. Mas, Sr. juiz, isto não podia ficar para amanhã? Hoje já é tarde, póde anoitecer no caminho, e o sujeitinho fugir.

JUIZ. Mas aonde ha de elle ficar? Bem sabe que não temos cadêa.

MANOEL JOÃO. Isto é o diabo!

JUIZ. Só se o senhor quizer leval-o para sua casa, e prendel-o até amanhã ou n'um quarto, ou na casa da farinha.

MANOEL JOÃO. Pois bem, levarei.

JUIZ. Sentido, que não fuja.

MANOEL JOÃO. Sim, senhor. Rapaz, acompanha-me. (*Saem Manoel João e José*)

JUIZ. Agora, vamos nós jantar. (*Quando se dispoem a sahir batem á porta*) Mais um! Estas gentes pensam que um juiz é de ferro. Entre quem é.

SCENA XII

JUIZ, ESCRIVÃO e JOSEFA

Josefa entra com tres gallinhas penduradas na mão, e uma cuia com ovos.

JUIZ. Ordena alguma cousa?

JOSEFA. Trazia este presente para o Sr. juiz. Queira perdoar não ser cõusa capaz. Não trouxe mais porque a peste deu lá em casa que só ficaram estas que trago, e a carijó que ficou chocando.

JUIZ. Está bom! muito obrigado pela sua lembrança. Quer jantar?

JOSEFA. V. S. faça o seu gosto, que este é o meu que já fiz em casa.

JUIZ. Então, com sua licença.

JOSEFA. Uma sua criada. *(Sae)*

JUIZ. *(Com as gallinhas nas mãos)* Ao menos com esta visita lucrei. Sr. escrivão, veja como estão gordas!... levam a mão abaixo. Que diz?

ESCRIVÃO. Parecem uns perús.

JUIZ. Vamos jantar. Traga estes ovos. *(Saem)*

SCENA XIII

Casa de Manoel João

Entra Maria Rosa, e Anninha com um samborá na mão.

MARIA ROSA. Estou moida! já mexi dous alqueires de farinha.

Josefa entra com as gallinhas

ANNINHA. Minha mãe, aqui está o café.

MARIA ROSA. Bota ahi. Aonde estará aquelle maldito negro?

SCENA XIV

MARIA ROSA, ANNINHA, MANOEL JOÃO e JOSÉ

MANOEL JOÃO. Deos esteja n'esta casa.

MARIA ROSA. Manoel João!

ANNINHA. Meu pae!

MANOEL JOÃO. (*Para José*) Faça o favor de entrar.

ANNINHA. (*A' parte*) Meu Deos, é elle!

MARIA ROSA. O que é isto! não foste para a cidade?

MANOEL JOÃO. Não, porque era tarde, e não queria que este sujeito fugisse no caminho.

MARIA ROSA. Então quando vás?

MANOEL JOÃO. A'manhã de madrugada. Este amigo dormirá trancado n'aquelle quarto. Aonde está a chave?

MARIA ROSA. Na porta.

MANOEL JOÃO. Amigo, venha cá. (*Chegando á porta do quarto*) Ficaré aqui até amanhã; lá dentro ha uma cama, entre. (*José entra*) Bom, está seguro. Senhora, vamos para dentro contar quantas duzias temos de bananas para levar amanhã para a cidade. A chave fica em cima da mesa; lembrem-me, se me esquecer. (*Saem Manoel João e Maria Rosa*)

ANNINHA. Vou dar-lhe escapúla... mas como se deixou prender?... Elle me contará. Vamos abrir. *(Pega na chave que está sobre a mesa, e abre a porta)* Saia para fóra.

SCENA XV

ANNINHA e JOSÉ

JOSÉ. Oh! minha Anninha, quanto te devo!

ANNINHA. Deixemo-nos de cumprimentos. Diga-me, como se deixou prender?

JOSÉ. Assim que botei os pés fóra d'esta porta, encontrei com o juiz que me mandou agarrar.

ANNINHA. Coitado!

JOSÉ. E se teu pae não fosse incumbido de me levar, estava perdido; havia de ser soldado por força.

ANNINHA. Se nós fugissemos agora para nos casarmos?

JOSÉ. Lembras muito bem. O vigario a estas horas está na igreja, e póde fazer-se tudo com brevidade.

ANNINHA. Vamos, antes que meu pae venha.

JOSÉ. Vamos. *(Saem correndo)*

SCENA XVI

MARIA ROSA, e depois MANOEL JOÃO

MARIA ROSA. *(Entrando)* Oh Anninha? An-

Jose Pedro de S. Cunha

ninha? Aonde está esta maldita? Anninha?...
Mas o que é isto? Esta porta aberta! Ah Sr.
Manoel João, Sr. Manoel João?

MANOEL JOÃO. (*Dentro*) O que é lá?

MARIA ROSA. Venha cá de pressa.

MANOEL JOÃO. (*Em mangas de camisa*) Então
o que é?

MARIA ROSA. O soldado fugiu!

MANOEL JOÃO. O que dizes, mulher?

MARIA ROSA. (*Apontando para a porta*) Olhe!

MANOEL JOÃO. O' diabo!... (*Chega-se para o
quarto*) E' verdade! fugiu! Tanto melhor, não
terei o trabalho de o levar á cidade.

MARIA ROSA. Mas elle não fugiu só.

MANOEL JOÃO. Eim?!

MARIA ROSA. Anninha fugiu com elle.

MANOEL JOÃO. Anninha?

MARIA ROSA. Sim.

MANOEL JOÃO. Minha filha fugir com um va-
dio d'aquelles! Eis-aqui o que fazem as guer-
ras do Rio-Grande!

MARIA ROSA. Ingrata! filha ingrata!

MANOEL JOÃO. Dê-me lá minha jaqueta e meu
chapéo, que quero ir á casa do juiz de paz
fazer queixa do que nos succede. Hei-de mostrar
áquelle melquitrefe quem é Manoel João... Vá,
senhora, não esteja a choramingar.

SCENA XVII

MANOEL JOÃO, MARIA ROSA, JOSÉ e ANNINHA

José e Anninha, entrando, ajoelham-se aos pés de
Manoel João.

AMBOS. Senhor!

MANOEL JOÃO. O que é lá isso?

ANNINHA. Meu pae, aqui está o meu marido.

MANOEL JOÃO. Teu marido?

JOSÉ. Sim, senhor, seu marido... Ha, muito tempo que nos amamos, e sabendo que não nos darieis o vosso consentimento, fugimos, e casámos na freguezia.

MANOEL JOÃO. E então!... Agora peguem-lhe com um trapo quente. Está bom, levantem-se; já agora não ha remedio.

Anninha e José levantam-se. Anninha vae abraçar a mãe.

ANNINHA. E minha mãe me perdôa?

MARIA ROSA. E quando é que eu não hei de perdoar-te? não sou tua mãe? (*Abraçam-se*)

MANOEL JOÃO. E' preciso agora irmos dar parte ao juiz de paz que você já não póde assentar praça, porque está casado. Senhora, vá buscar minha jaqueta. (*Sae Maria Rosa*)

JOSÉ. E dizer-lhe tambem que fico na sua companhia.

MANOEL JOÃO. Então o senhor conta viver á minha custa, e com o meu trabalho?

José e Anninha

JOSÉ. Não, senhor... também tenho braços para ajudar; e se o senhor não quer que eu aqui viva, irei para a côrte.

MANOEL JOÃO. E que vae ser lá?

JOSÉ. Quando não possa ser outra cousa... serei ganhador da guarda nacional; cada ronda rende 1\$000, e uma guarda 3\$000.

MANOEL JOÃO. Ora, vá-se com os diabos, não seja tolo.

Entra Maria Rosa, de chale, e com a jaqueta e o chapéo.

MARIA ROSA. Aqui está.

MANOEL JOÃO. (*Depois de vestir a jaqueta*) Vamos para casa do juiz.

Todos. Vamos. (*Saem*)

SCENA XVII

Casa do Juiz

JUIZ DE PAZ e o ESCRIVÃO

JUIZ. (*Entrando*) Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. (*Asentam-se á mesa*)

ESCRIVÃO. V. S. vae amanhã á cidade?

JUIZ. Vou, sim; quero-me aconselhar com um letrado para saber como hei de despachar alguns requerimentos que cá tenho.

ESCRIVÃO. Pois V. S. não sabe despachar?

JUIZ. Eu? ora essa é boa!... Eu entendo cá

d'isso! Ainda quando é algum caso de embigada, passe; mas actos serios, é outra cousa. Eu lhe contô o que me ia acontecendo um dia. Um meu amigo me aconselhou que, todas as vezes que eu não soubesse dar um despacho, que dêsse o seguinte: — Não tem lugar. — Um dia apresentaram-me um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com elle, e etc.; eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: — Não tem lugar. — Isto mesmo é o que queria a mulher; porém fez uma bulha de todos os diabos; foi à cidade, queixou-se ao presidente, e eu estive quasi não quasi suspenso. Nada! não me acontece outra.

ESCRIVÃO. V. S. não se envergonha sendo um juiz de paz?

JUIZ. Envergonhar-me de que? O senhor ainda está muito de cór! Aqui para nós, que ninguem nos ouve: quantos juizes de direito há, por estas comarcas, que não sabem aonde tem sua mão direita? quanto mais juizes de paz! e, além d'isso, cada um faz o que sabe. (Batem) Quem é?

MANOEL JOÃO. (Dentro) Um criado de V. S. Juiz. Póde entrar.

João Pedro da Silva

SCENA XVIII

OS MESMOS, MANOEL JOÃO, MARIA ROSA,
ANNINHA e JOSÉ

JUIZ. (*Levantando-se*) Então o que é isto? Pensava que já estava longe d'aquí?

MANOEL JOÃO. Não, senhor, ainda não fui.

JUIZ. Isso vejo eu.

MANOEL JOÃO. Este rapaz não póde ser soldado.

JUIZ. Oh!... uma rebellião?... Sr. escrivão mande convocar a guarda nacional, e officie ao governo.

MANOEL JOÃO. V. S. não se afflija; este homem está casado!

JUIZ. Casado!

MANOEL JOÃO. Sim, senhor, e com minha filha.

JUIZ. Ah! então não é rebellião; mas sua filha casada com um biltre d'estes?

MANOEL JOÃO. Tinha-o preso no meu quarto para leval-o ámanhã para a cidade; porém a menina, que foi mais esperta, furtou a chave, e fugiu com elle.

ANNINHA. Sim, senhor juiz, ha muito tempo que o amo, e como achei occasião, aproveitei.

JUIZ. A menina não perde occasião! Agora o que está feito, está feito. O senhor não irá

mais para a cidade, pois está casado. Assim, não fallemos mais n'isso. Já que estão aqui, hão de fazer o favor de tomar uma chicara de café comigo, e dançaremos antes d'isso uma ty-ranna. Vou mandar chamar mais algumas pessoas para fazer a roda maior. *(Chga á porta)* Oh Antonio? vae á venda do Sr. Manoel do Coqueiro, e dize aos senhores que ha pouco sahiram d'aqui que farão o favor de chegar até cá. *(Para José)* O senhor queira perdoar se o chamei biltre; já aqui não está quem fallou.

JOSÉ. Eu não me escandaliso. V. S. tinha de algum modo razão; porém eu me emendarei.

MANOEL JOÃO. E se não se emendar, tenho um reio.

JUIZ. Sra. Dona, queira perdoar se ainda a não cor ejei. *(Comprimenta)*

MARIA ROSA. *(Comprimentando)* Uma criada de S. Exc.

JUIZ. Obrigado, minha senhora. Ahi chegam os amigos.

SCENA XIX

OS MESMOS E OS QUE ESTIVERAM EM SCENA

JUIZ. Sejam bem vindos, meus senhores. *(Comrimen'am-se)* Eu os mandei chamar para tomarem uma chicara de café comigo, e dançarmos um fado em obsequio ao Sr. Manoel João, que casou sua filha hoje.

JUIZ DE PAZ

3

TODOS. Obrigado a V. S.

IGNACIO JOSÉ. (*Para Manoel João*) Estimarei que sua filha seja feliz.

OS OUTROS. Da mesma sorte.

MANOEL JOÃO. Obrigado.

JUIZ. Sr. escrivão, faça o favor de ir buscar a viola. (*Sae o escrivão*) Não façam cerimonia; supponham que estão em suas casas; haja liberdade. Esta casa não é agora do juiz de paz, é de João Rodrigues. Sr. Thomaz, faz-me o favor? (*Thomaz chega-se para o juiz, e este o leva para um canto*) O leitão ficou no chiqueiro?

THOMAZ. Ficou, sim senhor.

JUIZ. Bom! (*Para os outros*) Vamos arranjar a roda. A noiva dançará comigo, e o noivo com sua sogra. O' Sr. Manoel João? arranje outra roda... vamos, vamos! (*Arranjam as rodas; o escrivão entra com uma viola*) Os outros senhores abanquem-se. Sr. escrivão, ou toque ou dê a viola a algum dos senhores. Um fado bem rasgadinho... bem choradinho...

MANOEL JOÃO. Agora sou eu gente!

JUIZ. Bravo, minha gente! toque, toque!

Um dos actores toca a tyranna na viola, os outros batem palmas e caquinhos, e os mais dansam.

TOCADOR. (*Cantando*)

Ganinha, minha senhora,
Da maior veneração;

Passarinho foi-se embora
Deixou-me as pennas na mão.

Todos.

Se me dá que comê,
Se me dá que bebê,
Se me paga as casas,
Vou morar com você. (*Dansam*)

JUIZ.. Assim, meu povo! Esquenta, esquenta!
MANOEL JOÃO. Aferventa!

TOCADOR. (*Cantando*)

Em cima d'aquelle morro
Tem um pé de ananaz;
Não ha homem n'este mundo
Como o nosso juiz de paz.

Todos.

Se me dá que comê,
Se me dá que bebê,
Se me paga as casas,
Vou morar com você!...

JUIZ. Aferventa! aferventa!...

FIM

À VENDA

NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO, RUA DE S. JOSÉ N. 75
RIO DE JANEIRO

- Abamcacara, tragedia em 4 actos.
Abel e Caim, comedia-drama em 3 actos.
Abençoada diabrura, comedia em 1 acto.
Abençoada resignação, drama em 3 actos.
Abnegação, drama em 4 actos.
Abençoa las lagrimas, drama em 3 actos.
Abençoados infortunios, comedia-drama em 3 actos.
Affonso III, ou o valido d'El-Rei, drama em 5 actos.
Agonia e conforto, drama em 3 actos.
Agostinho de Ceuta, drama em 4 actos.
Ah! como eu sou besta! scena comica, de F. C. Vasques.
Alfageme de Santarem, drama em 5 actos.
Alvaro de Abranches, drama em 4 actos.
Alvaro da Cunha, ou o cavalleiro d'Alcacer-quivir, drama em 5 actos.
Alzira, ou os americanos, tragedia em 5 actos.
Ambições de um eleitor, comedia em 2 actos.
Ambrosina, drama em 5 actos.
Amemos o nosso proximo, comedia em 1 acto.
Amelia, drama em 3 actos.
Amigos intimos, comedia em 4 actos.
Amor com amor se paga, comedia em 1 acto.
Amor de madrasta, comedia em 1 acto.
Amor e firmeza, drama em 4 actos.
Amor e honra, drama em 2 actos.
Amor proprio mal cabido, comedia em 1 acto.
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto.

- Amor e marmellos, comedia em 1 acto.
- Amores de um marinheiro, comedia em 1 acto.
- Ambos sem calças, farça.
- André, o fabricante, drama em 3 actos.
- Angelo, tyranno de Padua, drama em 3 jornadas.
- Antes na provincia, comedia em 3 actos.
- Antes quebrar que torcer, drama em 3 actos.
- Aristocracia e dinheiro, comedia em 3 actos.
- Arrependimento salva, drama em 1 acto.
- Associação na familia, comedia em 2 actos.
- A' tarde entre a murta, comedia-drama em 3 actos.
- Avarento, comedia em 5 actos.
- Afilhada do barão, comedia em 2 actos, de Mendes Leal.
- Afflicções d'um perd' goto, comedia em 1 acto.
- Anjo Maria, drama em 3 actos.
- Anjo da paz, comedia em 2 actos.
- Anna Barraca, comedia em 1 acto.
- À porta da rua, farça.
- Bandido, scena dramatica, de Santos Leal.
- Banhos das Caldas, comedia em 2 actos.
- Barão de Trenk, comedia em 2 actos.
- Barba azul, opera burlesca em 3 actos.
- Beata de mantilha, comedia em 1 acto.
- Bernar lo na lua, farça.
- Boa desforra, comedia em 1 acto.
- Bom homem de outro tempo, comedia em 1 acto.
- Bons frú tos de ruim arvore, drama em 3 actos.
- Brasileiras, comedia-drama em 3 actos.
- Bravo de Veneza, comedia em 1 acto.
- Cada louco com sua mania, comedia em 1 acto.
- Caixeiro honrado e negociante ladrão, drama em 3 actos.

- Caixeiro da taverna, comedia em 1 acto.
Camões do Rocio, comedia em 3 actos.
Cantor improvisado, comedia em 2 actos.
Capitão Bittertin, comedia em 1 acto.
Caridade na sombra, drama em 3 actos.
Carlos III, ou a inquisição em Hespanha, drama em 4 actos.
Casal das Giestas, drama em 5 actos.
Casamento do filho do vaqueiro, comedia em 1 acto.
Casamento e despacho, comedia em 3 actos.
Casar para não morrer, comedia em 1 acto.
Cautela com as cautelas, comedia em 1 acto.
Cavalheiro S. Jorge, comedia em 3 actos.
Cavalleiro da casa vermelha, drama em 5 actos.
Club Godipan, comedia em 1 acto.
Coelho Furtado! scena comica.
Como os anjos se vingão, novo drama em 1 acto, de Camillo
Castello Branco.
Condemnado, drama em 3 actos.
Corôa de louro, comedia em 2 actos.
Coronel, comedia em 1 acto.
Dalila, drama em 4 actos.
Defeito de familia, comedia em 1 acto, de França Junior.
Diabo atraz da porta, comedia em 1 acto.
Diabo no Rio de Janeiro, scena comica.
Diabo a quatro n'uma hospedaria, comedia em 1 acto.
Diabo, defunto e militar, drama em 2 actos.
Differentes educações, comedia em 1 acto.
Doida de Montmayour, drama em 5 actos.
Doido por conveniencia, comedia em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos.

Dois genios iguaes não fazem liga, comedia em 1 acto.
Dois Irmãos, drama em 6 actos.
Dois maridos, comedia em 1 acto.
Dois por um, comedia em 1 acto.
Dois primos, comedia em 3 actos.
Dois proscriptos, drama em 5 actos.
Dois sargentos, drama em 3 actos.
Dois serralheiros, drama em 5 actos.
Dois timidos, comedia em 1 acto.
Doutor Gramma, comedia em 2 actos.
Dragão de Chaves, comedia em 1 acto.
Duas bengalas, comedia em 1 acto.
Duas epochas da vida, comedia em 2 actos.
Duas paixões, comedia em 1 acto.
Embrulhadas de amor, comedia em 1 acto.
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto.
Emilia, ou o orgulho, drama em 5 actos.
Engeitado, drama em 3 actos.
Entre a cruz e a caldeirinha, comedia em 1 acto.
Episodios de um noivado, drama em 4 actos.
Erros da mocidade, comedia em 3 actos.
Escala social, drama em 3 actos.
Escravo fiel, drama em 5 actos.
Espadellada, comedia em 1 acto.
Esperteza de rato, comedia em 1 acto.
Espinhos e flôres, comedia em 2 actos.
Estalagem da virgem, drama em 5 actos.
Estatuario, scena comica.
Estella d'Aragão, drama em 3 actos.
Et cætera, reticencia, scena comica.
Expição, comedia em 4 actos.

Fabia, tragedia em 3 actos.
Fallar verdade a mentir, comedia em 1 acto.
Falta de miu los, comedia em 1 acto.
Figuras de cêra, comedia em 1 acto.
Filho do povo, drama em 3 actos.
Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos.
Flôres e fructos, comedia em 4 actos.
Gonzaga, drama em 3 actos.
Ha tantos assim!... comedia em 1 acto.
Harpa de Deus, drama em 4 actos.
Herança do chanceller, comedia em 3 actos.
Historia de um pataco, comedia em 1 acto.
Historia de um ramo, comedia em 1 acto.
Historia de um homem bonito, comedia em 1 acto.
Homem das cautêlas, comedia em 2 actos.
Homem põe e Deus dispõe, comedia em 2 actos.
Homens do povo, comedia-drama em 2 actos.
Homens ricos, comedia-drama em 5 actos.
Homens serios, comedia-drama em 4 actos.
Irmão das almas, comedia em 1 acto, de Penna.
Já viu o cometa? comedia em 1 acto.
Juiz de paz da roça, comedia em 1 acto, de Penna.
Litteratas, ou a refôrma das saias, comedia em 1 acto.
Más tentações, comedia em 1 acto.
Mais vale quem Deus ajuda, que quem muito madruga, farça
Mania das recordações, comedia em 1 acto.
Mano João explicando os caminhos de ferro, scena comica.
Meia hora de cynismo, comedia, de França Junior.
Mestre igreja muito em cima, comedia em 2 actos.
Minha viuva, disparate em 1 acto.
Modesta, drama familiar em 2 actos.